



**MARCOS CORANDIN MOREIRA**

**ENSAIO SOBRE A MORTE: CONTRIBUIÇÕES PARA O ESTUDO TEOLÓGICO**

**UniCesumar**

**GOIOERÊ**

**2018**

MARCOS CORANDIN MOREIRA

**ENSAIO SOBRE A MORTE: CONTRIBUIÇÕES PARA O ESTUDO TEOLÓGICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Teologia do Centro Universitário de Maringá (UNICESUMAR).

Área: Teologia Contemporânea  
Assunto: Um estudo sobre Tanatologia, Filosofia e Psicologia para a abordagem teológica.

Goioerê

2018

## RESUMO

Na atual sociedade ocidental caracterizada pelo individualismo, egocentrismo, consumismo e imediatismo se observa a dificuldade em lidar com questões referentes a morte, a finitude e o luto. Pouco ou quase nada se fala ou discute sobre o tema que historicamente ganhou ares enegrecidos, assunto incompreensível, portanto, intocável. Com isso, promoveu-se uma inversão no processo de compreensão da vida e da morte aproximamos o tema “morte” do cotidiano teológico a partir de pressupostos filosóficos e conhecimentos construídos pela psicologia para promover uma tanatologia teológica, entendendo que o “fim” da vida é o início da vida plena.

Palavras-chave: Teologia, tanatologia, morte, plenitude, ensino religioso.

## 1INTRODUÇÃO

Na atual sociedade ocidental caracterizada pelo individualismo, egocentrismo, consumismo e imediatismo se observa a dificuldade em lidar com questões referentes a morte, a finitude e o luto. Pouco ou quase nada se fala ou discute sobre o tema que historicamente ganhou ares enegrecidos, assunto incompreensível, portanto, intocável. Com isso, promoveu-se uma inversão no processo de compreensão da vida e da morte.

Em um passado recente devido ao próprio contexto tecnológico-informacional, educacional e religioso, as crianças tinham pouco acesso as questões referentes ao nascimento em que os pais e professores criavam fábulas que justificavam a reprodução da espécie humana, o processo de nascer e o nascimento enquanto as mesmas crianças possuíam um acesso maior mesmo que restrito e também fabuloso as situações de morte. No entanto, atualmente as crianças estão sendo aproximadas aos assuntos referentes ao nascimento, através da educação sexual nas escolas e das mídias eletrônicas que facilitaram o acesso a informação ajudando a estabelecer certa precocidade de amadurecimento cognitivo.

Entretanto, as pessoas estão afastadas do processo de morte e do ato da morte com justificativas não menos fabulosas que antes, provocando uma situação de imaturidade diante da morte e de quase desespero quando tal fato acontece com pessoas próximas e de quase desprezo quando com pessoas distantes de seu convívio.

Tendo em vista uma compreensão maior sobre este assunto tão polêmico, procuramos relacionar, mesmo que brevemente, pressupostos da filosofia neoplatônica, da teologia agostiniana e da tanatologia, com ênfase na psicologia da morte, apresentando as contribuições destas correntes do pensamento ao estudo da morte.

O estudo da morte pode auxiliar o ser humano a compreender as perdas, enquanto fenômenos naturais do próprio existir, providenciando conforto e estabilidade emocional para enfrentar as diversas possibilidades de perdas durante o processo do viver.

## **2 PSICOLOGIA DA MORTE: A MORTE PARA ENTENDER A VIDA**

Segundo Kübler-Ross (1975), a morte mesmo sendo parte integrante da vida, nos faz lembrar como somos vulneráveis e mesmo com os avanços científicos e tecnológicos, ainda sim, somos vulneráveis e morrer é inevitável.

De acordo com Pierre (1998), passamos a falar mais sobre a vida, enquanto negamos a morte, isso porque, a morte traz angústia, ansiedade, frustração e impermanência, além de outros sentimentos que culturalmente foram agregados ao nosso convívio.

medo de perder, mudar, quebrar os dogmas estabelecidos, o apego aos valores materiais ou ao meio que se vive fazem com que o homem não perceba e aceite que tudo é mutável e que toda transformação traz em si sempre sofrimento e conseqüentemente frustração. (p.20)

Portanto, a morte além de expor nossas fraquezas emocionais como a frustração e o apego aos bens materiais estão carregados de incertezas, e estes medos fizeram com que nossa sociedade negasse a morte, transformando-a em tabu. Às crianças que estão expostas a estes medos culturalmente enraizados, tendem a exteriorizar o temor, apresentando medo do escuro, medo de “fantasmas” e um apego ainda maior aos bens materiais. Quando adultas, diante do fenômeno da morte, entram em situações de quase desespero, se, na ocasião, são amigos ou parentes próximos e de quase desprezo ou indiferença quando a morte é vista por ocasião de um desconhecido ou não próximo do seu convívio, banalizando muitas vezes o fenômeno da morte.

Daí a importância de estudar a morte, o morrer e o luto desde a infância. Em um passado não muito distante da nossa realidade, as crianças viviam o luto junto de seus familiares, cientes do que estava acontecendo, compartilhavam o sofrimento e a dor da perda, e superavam a circunstância também junto de seus familiares. Superar a crise e a perda, sejam elas, emocionais ou existenciais, não só transforma o indivíduo em um ser um tanto mais forte emocionalmente, mas propicia crescimento mental e espiritual ao sujeito que aprendeu a lidar com tais perdas.

Em outras palavras ensinar sobre a morte é ensinar a perder, e isso é, perceber a finitude da vida e das coisas, é entender a complexidade da vida, é a busca mais natural para alcançar a plenitude do ser vivente.

### **3 FIM E INÍCIO: CONSIDERAÇÕES DE PLOTINO E AGOSTINHO**

Que os primeiros filósofos cristãos tenham estudado o neoplatonismo, e que Agostinho tenha lido Plotino é incontestável, contudo, existem diferenças marcantes entre as duas correntes de pensamento, diferenças explícitas quando o tema é a morte.

Plotino que por vezes parece não estar apresentando uma nova teoria do conhecimento, mas desenvolvendo o platonismo, ou ainda, tentando conciliar platonismo e aristotelismo (COSTA, 2002), não nos deixa respostas concretas, por vezes confusas, sobre diversos aspectos, principalmente em algumas apresentações sobre o Intelecto e a Alma. Para entendermos um pouco melhor a compreensão plotiniana da morte é necessário entendermos, antes de tudo, o que Plotino chama de Uno, Intelecto, Alma e Matéria, e qual a relação enfim entre existência e essência.

Para Plotino o Uno deve ser entendido como a “Unidade do Ser”, em outras palavras é a unidade de tudo, pois o Uno é todas as coisas, contudo, devemos ter o cuidado para não deslancharmos em panteísmo, pois ao mesmo tempo em que o Uno é todas as coisas, Ele não é exclusivamente nenhuma. Esta aparente contradição é explicada na medida em que o Uno é todas as coisas em essência, isto é, o Uno é pleno em essência e existência, enquanto que as demais “coisas” são emanações, segmentos da existência eterna, portanto, transitórias.

O Uno está presente no Intelecto, e o Intelecto está presente na Alma, e a Alma está presente na matéria. Assim, devido a essa hierarquia, a matéria está no Ser do Uno, embora, teoricamente, haja uma ascensão da matéria até à Alma, até o Intelecto, até o Uno — ou seja, da multiplicidade, numérica e quantitativa, para a Unidade, que representa a Unidade (talvez hoje fosse melhor acrescentar: "energética") única e eterna. (BUSSOLA, 1990, p. 39)

E mais,

Nesta linha de pensamento, entende-se a frase de Plotino: "Quando nossa visão interior (nossa intuição) tiver penetrado o véu das aparências, não encontrará outra coisa que não o Ser", isto é, a Existência, que inclui todas as vidas passadas, presentes e futuras, a Existência eterna, que inclui, numa única Energia, toda a multiplicidade dos seres. Plotino retoma a analogia de Pitágoras: como a unidade precede todos os números, que são apenas desdobramentos dela, assim a substância (Energia) eterna e universal precede todos os segmentos que dela derivam: "É por causa do Uno (isto é, a Unidade substancial ou energética) que todos os demais seres são seres (παντα τα οντα τω ενι εστιν οντα), isto é, que todos os demais existentes existem. (BUSSOLA, 1990, p.40)

Plotino (2000) entendia o Mundo Inteligível ou Mundo das Ideias de Platão como uma “comunidade de Inteligências” e o Intelecto, por sua vez, é emanação do

Uno sendo ao mesmo tempo “repouso”, pois possui em si tudo que é inteligível, é também, “atividade” eterna, pois organiza a “comunidade de Inteligências”, bem como, a humanidade também participa, pois, possui vida intelectual e o intelecto humano pode partilhar do Intelecto Universal.

Um outro conceito a ser definido é o de Alma, este talvez, seja o mais emblemático e confuso dentre a proposta plotiniana, pois a Alma Universal é emanção do Intelecto, mas esta mesma Alma Universal emana almas particulares, pois ela é princípio de movimento, vida e organização do ser, para Plotino a Alma está sempre ligada a matéria, portanto, envolta à impureza, contudo, a Alma está ligado ao Intelecto, logo, a Alma é a manifestação do Intelecto na matéria. A Alma, por sua vez, tende para o Intelecto e para a matéria (BUSSOLA, 1990).

Na tentativa de explicar o surgimento da matéria, Plotino se refere a uma “queda” das almas presentes na Alma do Mundo para os corpos materiais, não é claro, porém, a explicação sobre esta emanção, o que leva a crer que possa existir limites para emanção do Uno. A matéria é princípio de potencialidade e multiplicidade, porém, tende a Unidade.

Portanto, considerando o ser sob o aspecto da unidade, com tendência à multiplicidade, ou sob o aspecto da multiplicidade com tendência à unidade, podemos afirmar que no ser há um duplo movimento, de expansão e de contração, o que nos permite atribuir-lhe o conceito de "fertilidade", pois, no momento mais alto de expansão, o Ser gera sempre novas formas, tornando atual a potencialidade do princípio material. Nesse sentido, o Ser de Plotino é Vida, Força Vital, contínua manifestação evolvente numa pluralidade de seres que emanam da Unidade e são reabsorvidos nesta. (BUSSOLA, 1990, p. 46)

A morte em Plotino é o fim do corpo ou matéria, que é por sua vez, o último reflexo de emanção do Uno. O fim da matéria, portanto, seria o mal absoluto, a escuridão, ou seja, total ausência de “Bem”. Contudo, Plotino escreve que a própria escuridão está no Uno, e segundo Bússola (ano\_), a Força Vital que emanam da Unidade são “reabsorvidos” nesta, o que leva a crer que para Plotino a morte é o fim da emanção do Uno, mas não o fim absoluto.

Santo Agostinho (1990) defende a imortalidade da alma em vários de seus escritos tais como “Cidade de Deus”, “Solilóquios” e “O Cuidado Devido aos Mortos”, porém, seguindo o mesmo caminho apresentado anteriormente com o plotinianismo tentaremos chegar a questão da morte através de um breve estudo sobre a questão do mal em Agostinho.

Em “O Livre-Arbitrio” Santo Agostinho (2002, escreve sobre o problema do mal em três níveis, a saber, o Mal metafísico-ontológico, moral e físico. Neste texto especificamente trataremos do Mal metafísico apresentado por Agostinho, que como já exposto, bebeu da filosofia neoplatônica.

Para Agostinho (1990) o Mal metafísico é entendido de forma hierárquica, portanto, Mal é o distanciamento do Bem, ou seja, quanto maior o distanciamento de Deus, maior é o distanciamento do Bem Supremo, portanto, para Santo Agostinho o Mal não existe em essência, mas apenas em graus inferiores de ser, em relação a Deus.

Ora, não é mais uma razão verdadeira, mas uma mesquinha inveja, o fato de não se querer admitir que tendo pensado que uma coisa melhor deveria ter sido produzida, nada de menos bom seja feito. Como, por exemplo, se tendo visto o céu não quisesses que a terra fosse criada. Ora, isso seria uma total iniquidade. Tua censura, sem dúvida, seria justa, caso visses que o céu, tendo sido omitido na série de seres, a terra tenha sido produzida. Pois poderias dizer que ela deveria ter sido feita conforme a idéia que pudeste conceber do céu. Então, quando tivesses visto realizado o céu naquele grau de perfeição ao qual querias levar a terra, ele te pareceria claramente produzido sob o nome de “céu”, e não sob o de “terra”. Julgo que tu, não estando privado de algo melhor, de modo algum deverias achar mal a produção de outra realidade inferior, neste caso a existência da terra. Por sua vez, esta mesma terra apresenta em todas as suas partes tal variedade, que nada pode se oferecer a quem reflete sobre os elementos de sua beleza que não seja, em toda a sua totalidade, produzida por Deus, autor de todas as coisas. Com efeito, da parte mais fértil e aprazível da terra, até à mais árida e estéril, passa-se por graus tão bem dispostos que não ousarias dizer que nenhuma dessas partes é má, a não ser comparada a outra melhor. E assim sobes no louvor, por todos os degraus. Entretanto, isso, de maneira que ao se encontrar no ápice na melhor espécie de terra, não possas querer que ela seja a única. (AGOSTINHO, 1995, p. 163)

Em Agostinho (2002), porém, encontramos uma diferença marcante em relação ao neoplatonismo de Plotino, pois, mesmo existindo seres hierarquicamente inferiores em relação a Deus, tais como, seres celestiais, seres humanos, animais, vegetais, enfim, os seres humanos através da “intuição”, prática também ensinada por Plotino, e da “graça” pode receber a recompensa divina por suas “boas” atitudes na Terra.

A questão então é resolvida da seguinte maneira: enquanto vivemos neste corpo mortal, há uma certa forma de viver que permite, após a morte, obter certo alívio através das obras pias feitas em seu sufrágio. Porém, tal ajuda será proporcional ao bem que cada um de nós fizemos durante a vida. (AGOSTINHO, 2002, p.4)

Agostinho (2002), portanto, reinterpreta o neoplatonismo a luz do cristianismo, e vice-versa, porém, carrega em seus escritos a certeza de um Deus criador e de uma



recompensa após a morte, logo, se o Mal explicitado em Plotino, que culmina na morte da matéria leva-nos a uma “escuridão”, Agostinho revela-nos que o Mal é a ausência de Deus e que ao nos aproximarmos d’Ele a morte poderá ser entendida não como o fim, mas como o início.

#### **4 TEOLOGIA E MORTE: A MORTE COMO PRESSUPOSTO PARA A VIDA PLENA**

Em última análise apresento o estudo da morte como pressuposto para entender a vida, dividindo tal estudo em três partes fundamentais, estudar a morte para entender as perdas, estudar as perdas para uma compreensão melhor da vida e compreender a vida para conquistar a plenitude do viver.

Uma análise superficial do texto pode aparentar descontinuidades do processo do viver, porém, após uma leitura aprofundada se percebe a importância dos estudos relacionados a morte e o morrer, enquanto perspectiva para “aprender” a viver, em outras palavras, viver melhor consigo próprio e com a sociedade, mesmo diante das situações “adversas” da vida mesma.

Para entender melhor a proposta do trabalho, começamos pelo “fim”, ou seja, pela morte. Diante de uma sociedade que luta para ter, por vezes consumista e imediatista, aprender a perder é essencial para o crescimento mental e espiritual, possibilitando novas abordagens e estruturas. Quando me refiro ao perder, refiro-me a amplas formas de perdas e não apenas a perda provinda da morte, mas a perda de uma amizade, relacionamento amoroso, a perda da beleza, da juventude, da atividade sexual, das limitações de um cadeirante recém paraplégico. Perdas provocam crises e superá-las nem sempre é fácil, aliás, geralmente é muito difícil, pois, nos defrontamos com nossas fragilidades, impermanências e incertezas em plena sociedade ocidental marcada pelo ter, perder torna-se sufocante e insuportável.

##### **4.1 TEOLOGIA E EDUCAÇÃO: O ENSINO RELIGIOSO EM PERSPECTIVA**

Sérgio Junqueira (2011) em seu livro intitulado “O Ensino Religioso no Brasil” mostra que a educação religiosa escolar, partindo do diálogo inter-religioso, possibilita soluções para os sofrimentos humanos e edifica a nação.

“O diálogo entre membros de diferentes tradições religiosas aumenta e aprofunda o respeito recíproco, abrindo caminho para relações fundamentais na solução dos problemas do sofrimento humano. O diálogo que implica respeito e abertura às opiniões dos outros pode promover a união e o empenho nesta nobre causa. Além disso, a experiência do diálogo dá um sentimento de solidariedade e coragem para superar as barreiras e as dificuldades na tarefa de edificar a nação.”  
(p.58)

É com esta citação que eu apresento a relação entre a tanatologia ou biotanatologia com o ensino religioso. O ensino religioso, portanto, tem como um dos seus focos de estudo a morte. A interação entre diferentes tradições religiosas podem nos ajudar a compreender a morte sob a ótica da vida, na superação de um tabu que se tornou um dos maiores dilemas do século XX. E não apenas através da interação religiosa, mas também, através da interação com as ciências da saúde.

O professor de ensino religioso deve levar em consideração a maturidade dos alunos na preparação das aulas que serão ministradas, principalmente, quando o tema potencialmente levará o educando a reflexões muito profundas e não raramente trás à tona experiências marcantes, bem como, a morte dos avós, de algum animal de estimação, de algum amigo da família ou vizinho. Experiências que podem não terem sido superadas ou não compreendidas, podendo gerar algum “desconforto” por parte do professor, do aluno e da classe diante da apresentação proposta.

Portanto, o professor de ensino religioso capaz de promover o diálogo interdisciplinar, inter-religioso e multicultural em vista o conhecimento do fenômeno religioso, as diversas formas de expressão religiosa, o respeito a diversidade, a solução dos problemas que levam ao sofrimento humano, deve ter em mente que o estudo da morte em sala de aula, é mais do que uma possibilidade didática, é uma forma de promover a edificação mental e espiritual, ensinando dentro da sociedade que busca arduamente o poder e não sabe lidar com as perdas, que as perdas fazem parte da vida e evoluímos muito mais com os lutos do que negando-o.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A cultura ocidental contemporânea, com tecnologia de ponta, medicina avançada, busca por riquezas e satisfações pessoais transformou a morte e todo seu processo em tabu, excluiu-se a morte da sociedade, pois a finitude do ser humano, mais do que qualquer situação, mostra a este humano suas fragilidades e limitações.

Por excluir o processo do morrer do convívio social, banalizou-se o conceito de morte e subterfúgios foram reforçados para mantê-la distante da realidade. Ora o medo, ora a indiferença tomaram conta do conceito de finitude dificultando a aceitação das perdas, fragilizando emocionalmente e espiritualmente o humano que sofre muito mais com as crises existenciais e emocionais naturais do viver.

Estudar a morte, portanto, é estar preparado para as perdas naturais da vida, é começar a preparar-se para a própria partida. E os tantos medos criados culturalmente por uma sociedade que admite perder, as incertezas, ou “certezas incertas” encontradas no conceito de “escuridão” de Plotino, possam ser aliviados e consagrados na certeza da imortalidade e da recompensa divina proposta por Agostinho.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, Santo. **A cidade de Deus**. Petrópolis: Vozes, 1990

AGOSTINHO, Santo. **O LIVRE-ARBÍTRIO**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1995. [trad. Nair Assis de Oliveira]

\_\_\_\_\_ **O CUIDADO DEVIDO AOS MORTOS**. São Paulo: Paulus, 2002.

BÚSSOLA, Carlo. **Plotino, a alma no tempo**. Vitória – ES: FCAA, 1990.

COSTA, Marcos Roberto Nunes. **O problema do mal na polêmica antimaniquéia de Santo Agostinho**. Porto Alegre: EDIPUCRS/UNICAP, 2002.

D’ASSUMPÇÃO, Evaldo A. **Sobre o viver e o morrer: manual de Tanatologia e Biotanatologia para os que partem e os que ficam**. Petrópolis: Vozes, 2010.

JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo; WAGNER, Raúl. **O ensino religioso no Brasil**. Disponível em:

<https://www.editorachampagnat.pucpr.br/produto.php?dd0=185>. Acesso em: 20/07/2018.

KÜBLER-ROSS, Elizabeth. ***Morte: estágio final da evolução***. Rio de Janeiro: Editora Record, 1975.

PIERRE, Clarice. ***A arte de viver e morrer***. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998.